

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE MÚSICA

AS AULAS DE VIOLÃO POPULAR NA ESCOLA CURSOS LIVRES MUSICAIS:
um estudo sobre o ensino coletivo de instrumento

JOÃO VITOR GOEPFERT MENEGUIM

BRASÍLIA
Julho de 2016

JOÃO VITOR GOEPFERT MENEGUIM

**AS AULAS DE VIOLÃO POPULAR NA ESCOLA CURSOS LIVRES MUSICAIS:
um estudo sobre o ensino coletivo de instrumento**

Trabalho apresentado ao Departamento de Música da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Graduação em Licenciatura em Música.

Orientador: Prof. Me. Alessandro Borges Cordeiro

Brasília-DF
2016



ATA DE DEFESA DE TCC

João Vitor Goepfert Meneguim

“Aulas de violão popular na escola cursos livre musicais: um estudo sobre o ensino coletivo de instrumento”

Trabalho de Conclusão de Curso defendido no Departamento de Música, Instituto de Artes, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em sob a orientação do Professor(a) Alessandro Borges Cordeiro, segundo o Ato 30/2016 do dia 7 de julho de 2016, que nomeou banca de avaliação.

Resultado:

() Aprovado;

Aprovação condicionada à apresentação da versão final com as reformulações sugeridas pela banca no prazo máximo de 14 dias;

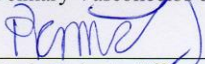
() Reformulação de forma com definição de nova defesa de banca

() Reprovação;

Brasília, 8 de julho de 2016.


Alessandro Borges Cordeiro


Delmary Vasconcelos de Abreu


Paulo Roberto Affonso Marins

Agradecimentos

A minha família por todo o apoio.

Ao meu orientador, Alessandro Borges, por todos os ensinamentos desde o início da minha trajetória acadêmica e pela ajuda na formação deste trabalho.

Aos amigos aos quais pude trocar diversas experiências e ter uma visão mais ampla sobre o mundo.

Aos professores que puderam enriquecer os meus estudos.

Resumo

Este trabalho buscou investigar e descrever os desafios encontrados por um professor dentro do ensino de violão em grupo, em uma turma composta por alunos de níveis instrumentais heterogêneos, no ambiente do curso de Violão Popular da escola CLM – Cursos Livres Musicais. Os desafios estavam relacionados principalmente em reunir e organizar músicas e atividades que trabalhassem com todo o grupo. O objetivo geral deste trabalho foi examinar e relatar como este curso foi realizado no período de março de 2016 até o início de junho do mesmo ano. Esta pesquisa focou na observação da heterogeneidade entre os alunos, fator comum na modalidade de aulas instrumentais coletivas, objetivando observar como é possível organizar atividades que possam envolver alunos de diferentes níveis no instrumento; qual a interação que os alunos tem entre si durante as aulas; quais foram as formas de ensino/aprendizagem do conteúdo aplicado; verificar qual foi a resposta dos alunos perante o processo. A revisão da literatura foi fundamentada em experiências e trabalhos sobre o ensino de instrumento em grupo. Com uma abordagem qualitativa, buscamos descrever o processo de ensino através da observação participante e da aplicação de uma breve entrevista com os alunos. A partir da revisão de literatura, da observação e da fala dos próprios alunos, os resultados apontam que é possível montar atividades e ensinar músicas que contam com a participação de alunos de níveis heterogêneos, incentivando e induzindo a interação e aprendizagem entre os mesmos. Este trabalho visa contribuir com os estudos sobre o ensino instrumental em grupo, principalmente para violão, mas também com possíveis colaborações para a mesma modalidade em outros instrumentos.

Palavras Chave: Aula de violão; Ensino de violão em grupo; Cursos Livres Musicais

Abstract

This research aimed to investigate and describe the challenges encountered by a teacher within the guitar teaching group, in a class composed by students of heterogeneous instrumental levels, inside of the popular guitar course of the school *CLM – Cursos Livres Musicais*. The challenges were related mainly to gather and organize songs and activities to work with the whole group. The aim of this study was to examine and report how this course was conducted from March 2016 until the beginning of June of the same year. This research focused on the observation of the heterogeneity among the students, a common factor in the form of collective instrumental classes, aiming to observe how it's possible to organize activities that can involve students of different levels in the instrument; which interaction the students have among themselves during the classes; which were the teaching and learning forms of the applied content; verify what was the response of the students before the process. Literature review is based in experiences and works about instrumental group teaching. With a qualitative approach, we seek to describe the process of teaching through the participant observation and a brief interview with the students. From the literature review, the observation and the speech of the students themselves, the results show that it is possible to set activities and teach songs that count with the participation of students of different levels, encouraging and inducing the interaction and learning between them. This work can contribute with more studies about the instrumental group teaching, mainly for guitar, but also with possible contributions to the same modality in other instruments.

Keywords: Guitar teaching; Guitar group teaching; *Cursos Livres Musicais*

LISTA DE ABREVIATURAS

CLM – Cursos Livre Musicais

UnB – Universidade de Brasília

ENECIM – Encontro Nacional de Ensino Coletivo de Instrumento Musical

CEP-EMB – Escola de Música de Brasília

APAM – Associação de Pais, Alunos e Mestres

ABEM – Associação Brasileira de Educação Musical

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO..... | 8 |
| 1 AS AULAS DE VIOLÃO NOS CURSOS LIVRES MUSICAIS..... | 10 |
| 1.1 Histórico de aulas coletivas | 10 |
| 1.2 Cursos Pontuais da Escola de Música de Brasília..... | 12 |
| 1.3 Início da atuação até o presente momento..... | 14 |
| 2 BREVE REVISÃO DE LITERATURA..... | 18 |
| 2.1 Ensino coletivo de instrumento..... | 18 |
| 2.2 O professor dentro do contexto do ensino coletivo de instrumento..... | 21 |
| 3 METODOLOGIA..... | 24 |
| 3.1 Abordagem qualitativa..... | 24 |
| 3.2 Perfil do aluno..... | 24 |
| 3.3 Entrevista..... | 26 |
| 3.4 Apostilas..... | 27 |
| 3.5 Arranjo em aulas coletivas de instrumento..... | 28 |
| 3.6 Improvisação..... | 29 |
| 3.7 Recursos tecnológicos..... | 30 |
| 4 REFLEXÕES SOBRE OS RESULTADOS..... | 32 |
| 4.1 A entrevista..... | 32 |
| 4.2 Atividades e ações que ocorreram no decorrer das aulas..... | 33 |
| 4.3 As gravações em vídeo..... | 36 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 37 |
| REFERÊNCIAS..... | 40 |

INTRODUÇÃO

Atualmente as aulas coletivas de instrumento veem ganhando cada vez mais espaço em locais de ensino de música. Podemos perceber que existe uma diversidade dos espaços educativos de ensino coletivo de instrumento. Conseguimos encontrar este modelo de aulas, por exemplo, em projetos sociais, escolas de música, ambiente universitário, dentre outros. Paralelamente a isto, mais estudos como artigos e dissertações sobre este assunto estão sendo realizados, descrevendo e discutindo as diversas características que existem em uma aula coletiva de música, os estudos de Montadon (2004) e Cruvinel (2004) são alguns exemplos deste caso.

Com a minha atuação na área de ensino de instrumento em grupo a cerca de dois anos e meu interesse e gosto pela atividade, surgiu a oportunidade de realizar este trabalho, fazendo um estudo reflexivo sobre esse tema.

Este trabalho relata a minha experiência como professor do curso de Violão Popular na escola de música Cursos Livres Musicais, CLM, abordando algumas questões sobre o modelo de aulas de instrumento em grupo, principalmente no que se refere a heterogeneidade dos alunos em uma mesma turma. Serão relatados quais foram os desafios encontrados e as estratégias escolhidas para desenvolver as atividades dentro de sala de aula.

Em relação ao trabalho em si, o objetivo geral consiste em descrever como foi ministrado o curso de Violão Popular no CLM no período de março de 2016 até o início de junho do mesmo ano. Nessa descrição procurei: observar como é possível organizar atividades que possam envolver alunos de diferentes níveis no instrumento; como se dá a interação entre alunos durante as aulas; quais foram as formas de ensino do conteúdo aplicado; e analisar a luz da literatura a resposta dos alunos no processo.

O trabalho procura dialogar com a literatura trazendo aspectos históricos, tanto internacionais quanto nacionais, de modelo de aulas coletivas de instrumento. Assim, como foi feita a busca de informações de autores que já realizaram estudos a respeito do assunto, para melhor fundamentar este trabalho descritivo. Levantando a literatura a respeito do assunto, pude perceber que autores como Montandon (2004) e Cruvinel (2004) destacam a importância e relevância que as aulas coletivas e/ou em grupo de instrumento vem tendo no cenário de educação musical. Nas aulas coletivas de violão, pude encontrar diversas

informações de autores como Tourinho (2003), Brazil (2013), Silva Sá (2014), dentre outros. A partir dos estudos feitos por estes autores foi possível conseguir importantes informações que serviram de parâmetro para a reflexão da minha vivência como professor dentro de sala de aula. Artigos que podem ser encontrados nos anais da Associação Brasileira de Educação Musical, ABEM e do Encontro Nacional de Ensino Coletivo de Instrumento Musical, ENECIM, também foram muito úteis como referência para a realização deste trabalho.

A metodologia adotada para o desenvolvimento da pesquisa foi a qualitativa, com a observação participante, fazendo o uso de gravações de vídeo e de uma entrevista semi-estruturada. Por fim, foi feita uma reflexão sobre as informações coletadas, relacionando-os com os referenciais teóricos buscando uma melhor compreensão desses dados.

O relato desta experiência de atuação em aulas coletivas pode ser útil não somente para o campo do ensino coletivo de violão, mas também para o de outros instrumentos, com a descrição dos desafios, estratégias e singularidades que foram encontradas durante a vivência. Por meio deste trabalho procuro levantar informações que possam adicionar mais conteúdo a respeito do tema e conseqüentemente, servir de subsídio para o aumento de debates, o desenvolvimento e o crescimento a respeito desta área de ensino musical.

Após esta introdução, o capítulo 1 abordará um breve contexto histórico sobre aulas coletivas de instrumento e dos Cursos Pontuais realizados na Escola de Música de Brasília, chegando então no momento e no local em que está pesquisa foi realizada. O capítulo 2 trata da fundamentação teórica levantada para este trabalho, com informações de autores a respeito do ensino coletivo instrumental. No capítulo 3 será abordada a metodologia adotada neste trabalho, com detalhes de como foi feita a pesquisa e as atividades dentro de sala de aula. O capítulo 4 trata da análise dos dados que foram levantados. Por fim, no capítulo 5 serão feitas as considerações finais deste trabalho.

1. AS AULAS DE VIOLÃO NOS CURSOS LIVRES MUSICAIS

Para abordarmos as aulas de violão na escola Cursos Livres Musicais, CLM, consideramos importante uma breve contextualização histórica do ensino coletivo de instrumento, bem como um breve levantamento de dados a respeito dos Cursos Pontuais que ocorreram na Escola de Música de Brasília, CEP-EMB, curso que teve forte influência na criação da escola CLM.

1.1 Histórico de aulas coletivas

Apesar do modelo de aulas coletivas ter crescido nas últimas décadas e estar se fixando cada vez mais em locais de ensino de música, ele passou por um longo processo histórico desde os primeiros relatos em que foi adotado e sistematizado, até o momento de conseguir ser aceito até mesmo em ambientes universitários. Podemos conhecer mais sobre este aspecto histórico em pesquisas realizadas a respeito das possíveis origens do ensino coletivo de instrumento musical.

Segundo Cruvinel (2004), acredita-se que a sistematização do ensino coletivo em instrumentos musicais iniciou-se primeiramente na Europa e depois foi levado até os Estados Unidos. (2004, p.76)

Oliveira (1998, *apud* CRUVINEL, 2004) afirma que já nas primeiras décadas do século XIX já se tem notícia de aulas coletivas de vários instrumentos nos Estados Unidos, sendo que a maioria das academias de música que trabalhavam com o ensino coletivo eram instituições familiares. Este autor também defende que a lucratividade com outras fontes de renda foi um aspecto de grande influência para a utilização de aulas coletivas. Porém, Cruvinel (2004) relata que no final do século XIX as pedagogias de ensino coletivo sofreram um declínio nos Estados Unidos, motivadas principalmente por dois fatores: o aparecimento de cursos de música em nível superior, que visava a especialização do intérprete através do ensino individual, e a forte objeção de muitos professores e administradores perante o modelo de ensino coletivo.

No Brasil, com o movimento do Canto Orfeônico, liderado por Heitor Villa Lobos, houve uma primeira iniciativa por sistematização do ensino coletivo musical no Brasil.

Oliveira (1998, *apud* CRUVINEL, 2004) cita que no final da década de 50, o professor José Coelho de Almeida realizou experimentos com a formação de bandas musicais em fábricas no interior paulista. Posteriormente, o próprio Coelho de Almeida, como diretor do Conservatório Estadual Dr. Carlos Campos, Tatuí, implantou um projeto de iniciação e aprendizado musical coletivo através de instrumentos de corda.

Nos anos 70 Alberto Jaffé e Daisy de Luca fizeram experimentos de ensino coletivo em cordas. Em 78, foram convidados pelo Ministério de Educação e Cultura para implantarem o projeto de ensino coletivo de cordas por todo o Brasil. Para Oliveira (1998, *apud* CRUVINEL, 2004), “o trabalho de Alberto e Daisy Jaffé foi, sem dúvida, o mais importante para a história dos métodos coletivos em cordas no Brasil, pois além de eles serem os pioneiros, contribuíram, ainda, para a formação da maioria de profissionais de cordas existentes no país”. Segundo Cruvinel (2004), em 1992 o casal foi transferido a convite para os Estados Unidos, com o intuito de editar seu método de ensino.

Recentemente é possível ver o ensino coletivo de instrumento ganhando mais espaço em diferentes locais, como por exemplo em escolas de ensino de música, escolas de educação básica, universidades, projetos sociais, dentre outros. Segundo Ortins, Cruvinel e Leão (2004) as aulas em grupo propiciam a integração de indivíduos em um conjunto, assim, o aluno não se sente como ser único e isolado. Cruvinel (2004) adiciona a esta linha de pensamento relatando que o ensino coletivo tem ganhado espaço no cenário da educação musical, pois além de oferecer específicas habilidades, “também pode favorecer os sentidos da socialização, responsabilidade e solidariedade, voltando-se para questões que colaboram para a boa formação do ser humano (que é social e vive em grupos)”. Pesquisas e discussões sobre esta modalidade de ensino estão sendo feitas cada vez mais, destacam-se alguns estudos como o de Tourinho (2003), Montadon (2004) e Cruvinel (2004).

Cruvinel (2004) e Montandon (2004) defendem que as aulas coletivas e/ou em grupo de instrumento possuem o aspecto de democratização do ensino de música, e ressaltam a importância desta circunstância. “Entende-se que o Ensino Coletivo de Instrumento Musical é uma importante ferramenta para o processo de democratização do ensino musical, e vem obtendo resultados significativos nas escolas aonde vem sendo adotado”. (CRUVINEL, 2004, p.34)

Através do ensino coletivo de música, as relações interpessoais podem surgir e serem trabalhadas, pois podem proporcionar ao indivíduo a capacidade de se ver inserido em um grupo e analisar o seu próprio papel, sua atuação e consequência de suas ações para os demais membros e para o grupo como um todo. Assim, o indivíduo terá mais facilidade para aprender, porque terá o seu colega para apoiá-lo nas suas dificuldades e conviverá desde o início em um grupo aprendendo a respeitar a função de cada pessoa que participe do mesmo. (ORTINS; CRUVINEL; LEÃO, 2004, pg. 60)

Cruvinel (2004) considera que “o momento atual é de consolidação da área. A disseminação das Metodologias eficientes de Ensino Coletivo de Instrumentos Musicais será realizada por meio de intercâmbio de educadores musicais que atuam na área [...]”. (CRUVINEL; 2004; p.79)

Atualmente o modelo de aulas coletivas de instrumento pode ser encontrado em diferentes contextos. Estas aulas propiciam um maior compartilhamento entre os alunos, o que não é tão visível em aulas individuais. Cada aluno traz consigo a própria experiência, preferências, dificuldades e facilidades, em uma aula em grupo ele pode dividir todas estas individualidades com o restante de seus colegas, que também trazem a própria bagagem para dentro da sala de aula.

Em Brasília, há modelos de aulas instrumentais em grupo mantidos como base de aprendizagem em algumas instituições e locais de ensino musical. Alguns destes locais são a Escola de Choro Raphael Rabello, o projeto Música Para Crianças realizado na UNB, o Projeto Música e a Cidadania, o Instituto Carlos Pial, a Academia de Música de Brasília, dentre outros.

1.2 Cursos Pontuais da Escola de Música de Brasília

A escola Cursos Livres Musicais, CLM, nasceu a partir das antigas Oficinas Básicas Pontuais, mais conhecidas como Curso Pontual, que acontecia na Escola de Música de Brasília, CEP-EMB. O Curso Pontual era organizado pela APAM, Associação de Pais, Alunos e Mestres do CEP-EMB, e oferecia aulas em grupo de instrumento, teoria, leitura musical, práticas de conjunto entre algumas outras modalidades, sendo estes cursos organizados em três níveis, nível básico, intermediário e avançado. A carga horária das oficinas era de 40 horas e em seu encerramento, um certificado era dado para os alunos

concluintes. O Curso Pontual contava com oficinas destinadas à comunidade em geral, tanto para músicos profissionais, amadores ou de áreas afins, sendo uma modalidade de educação profissional destinada a proporcionar ao cidadão uma formação inicial e/ou continuada, com o intuito de musicalizar e profissionalizar os participantes do curso.

No período em que o Curso Pontual existiu, várias pessoas, incluindo alunos e professores, tiveram o contato com as aulas coletivas de instrumento. Em 2012 participei como aluno de duas etapas do curso de Violão Erudito e pude ter o meu primeiro convívio com este universo do violão e também com aulas instrumentais em grupo. Algumas lembranças deste período ainda estão fortes em minha memória, o que me recordo melhor desta vivência foi a grande interação social entre os alunos, as experiências e gostos pessoais eram altamente compartilhadas com os colegas. Além disso, lembro de que as aulas trabalhavam fortemente a performance de músicas, a leitura de partituras e a teoria musical. As atividades e práticas em conjunto do grupo não foram muito incentivadas durante as duas etapas do curso que participei, apenas em uma música o grupo todo tocou junto, durante o encerramento do curso que foi feito na última aula.

Como aluno deste curso, observei que os estudantes tiveram um bom desenvolvimento no instrumento, tanto na performance quanto na leitura e teoria. Graças a esta experiência tive um grande interesse em aprofundar os meus estudos no violão. Hoje, também acredito que ter tido esta vivência me ajudou no momento em que comecei a atuar como professor de aulas de instrumento em grupo, pois em um momento recente da minha vida musical tive o olhar de aluno dentro de aulas instrumentais coletivas.

Ressalta-se que o Curso Pontual, durante a época em que ocorreu, teve uma forte popularidade diante da comunidade, muitas pessoas fizeram parte desta história, como alunos ou professores, e ainda se recordam do período em que o curso aconteceu. Além disto, o modelo de aulas utilizados no Curso Pontual também foi forte influência para a fundação de novas escolas de música que surgiram após sua extinção, como é o caso do próprio CLM e também da Academia de Música de Brasília.

1.3 Início da atuação até o presente momento

Procuro relatar nesta parte do trabalho alguns detalhes sobre o início e a continuidade da minha prática como professor no CLM, o começo desta jornada foi um momento em que encontrei os maiores desafios e dificuldades como titular dentro de sala. Acredito que um breve relato desta etapa possa ter relação com o que outros professores já passaram ou poderão passar em um determinado momento, e esclarecerá melhor a minha prática e quais foram os novos desafios que presenciei neste ano que motivaram a realização deste trabalho.

Em meados de Setembro de 2014 comecei a minha atuação como professor do curso de violão popular da escola Cursos Livres Musicais – CLM, onde são oferecidas aulas em grupo de teoria musical, solfejo, prática de conjunto e de diversos instrumentos. Os cursos estão organizados por etapas, que contam com um total de 12 aulas em um período de 3 meses. As aulas ocorrem aos sábados e tem uma hora e 20 minutos de duração.

Antes de ser chamado para o CLM eu já estava trabalhando com aulas individuais de violão, porém a única experiência que tive a frente de aulas coletivas de instrumento foi como monitor da disciplina Violão Suplementar no Departamento de Música da Universidade de Brasília – UnB e como professor substituto em algumas poucas ocasiões para o curso de violão erudito no próprio CLM.

Na minha primeira etapa como professor efetivo tive apenas uma turma com 8 alunos, de faixa etária variada, entre 12 e 40 anos. Ressalto que no CLM existe o curso de violão voltado para crianças, mas o curso que eu ministro é voltado para alunos a partir de 12 anos. No primeiro contato com os alunos passei por uma certa adaptação, pois na minha experiência anterior como monitor de violão suplementar na UnB eu seguia as orientações do professor da disciplina para as aulas que eu iria aplicar sozinho. Além disso, os alunos contavam com uma apostila, o que ajudava e guiava melhor o andamento das aulas. Já na minha atuação no CLM eu não contava mais com orientações e nem com uma apostila.

Na primeira aula encontrei alguns obstáculos, tive dificuldades na comunicação com o grupo, na explicação das atividades e na condução das mesmas. Algumas atividades não estavam de acordo com o nível técnico de todos os alunos, outras não foram bem esclarecidas. Apesar de não ter sido uma aula sem resultados, o rendimento não foi o esperado, acredito que a falta de experiência foi o principal fator, dentre alguns outros.

Já na segunda aula, na semana seguinte, pude me preparar melhor com as atividades que gostaria de trabalhar, eu já havia estabelecido o primeiro contato com o grupo e tinha refletido sobre o que poderia ter sido melhor na minha atuação, principalmente na questão de organização e condução das atividades, que foram escolhidas de maneira mais fundamentada no que os alunos tinham condições de executar. Então, fiz um breve planejamento da aula, com planos alternativos caso as atividades não apresentassem o resultado desejado. Dentro da sala de aula, minha comunicação com os alunos e condução das atividades estava muito melhor, consegui ter os resultados esperados e pude ajudar mais os alunos com questões técnicas e musicais, tanto de modo coletivo quanto individual. Além disso, consegui conhecê-los melhor, saber mais sobre seus gostos, experiências musicais passadas, dentre outros. Penna (2006) comenta sobre a importância em se ter o diálogo dentro do processo de educação artística musical. Segundo ela, dessa maneira o aprendizado se torna mais dinâmico nos aspectos culturais. Assim, “esta necessidade de o educador compreender, respeitar e interagir com a especificidade do grupo implica uma postura de aceitação da diversidade – e queremos enfatizar, particularmente, a diversidade cultural”. (PENNA, 2006, p.4)

Isto me deu confiança para começar a organizar melhor um trabalho próprio com o grupo, ao invés de seguir o trabalho de outros professores. A citação de Montandon (2004) retrata bem o que eu passei durante o início da minha atuação no CLM.

É natural que a confiança para tentar desenvolver aulas em grupo só venha depois de conhecermos algumas referências. Por isso, entendo bem a necessidade de muitos professores buscarem as chamadas “receitas” em um primeiro momento, até adquirirem autonomia na elaboração e condução do ensino em grupo – caso essa seja uma opção do próprio profissional. (MONTANDON, 2004,p.45)

Após a dificuldade inicial, eu pude enxergar a liberdade de poder ter idéias próprias e colocá-las em prática. Optei por trabalhar principalmente com o sistema de acordes e cifras, que julguei ser mais coerente com o que os alunos estavam buscando conhecer e tocar. Além disso, nesses três primeiros meses de atuação, pude trabalhar um repertório mais livre, com músicas da minha escolha e também com algumas que os próprios alunos propuseram. Com o tempo, organizei estas músicas que vinham sendo trabalhadas e as escrevi no computador, com a letra da música e o sistema de cifras para que os alunos pudessem ter mais um apoio na hora da execução e no estudo em casa. Desta maneira, consegui juntar um bom número

de músicas e, assim, pude organizar as minhas próprias apostilas para o curso, que serviriam mais tarde para as futuras etapas e turmas do CLM.

Durante o ano de 2015 novas turmas surgiram, assim como novos desafios e novas experiências. A cada etapa pude expandir o repertório de músicas que poderiam ser usadas nas aulas. Durante os cursos, sempre procurei conhecer as preferências musicais dos alunos. Em certos momentos, foi possível inserir algumas dessas sugestões na aula, algumas com resultados muito positivos. Procuo utilizar esta prática freqüentemente, dessa forma posso ter mais músicas em mãos, tanto para aulas futuras quanto para as atuais, bem como para meu próprio conhecimento. Após as aulas, também pude refletir e avaliar quais músicas e atividades tiveram o resultado esperado, e assim reorganiza-las e aprimora-las caso fosse necessário.

Em 2015 também tive a minha primeira experiência com uma turma composta apenas de iniciantes no violão. Foi preciso então estruturar as aulas visando o desenvolvimento destes alunos, bem como selecionar músicas e atividades que melhor se adequassem para este público. Para que isso fosse feito, busquei ensinar exercícios e um repertório que fossem gradativos em questões de dificuldade técnica, visando facilitar o aprendizado dos estudantes. Nos primeiros momentos com os alunos desta turma, utilizei atividades propostas por Brazil (2013) em que são utilizados acordes mais fáceis de serem tocados em um primeiro contato com o instrumento, estes acordes necessitam de apenas dois dedos apertando duas cordas do violão, mas ambas na mesma casa do braço do instrumento, dessa maneira não é demandado do aluno uma flexibilidade e um esforço tão grande. Tais atividades foram muito produtivas para alunos iniciantes, e partir daí consegui estender para outros desafios.

Já na primeira etapa do curso em 2016 uma nova situação ocorreu. Uma das turmas foi montada com alunos de níveis bastante distintos, juntando cerca de cinco alunos iniciantes, uma nova aluna que já possui boa experiência no violão e um aluno que estuda comigo desde a minha entrada em 2014. No total seriam utilizados três apostilas diferentes com uma mesma turma. Me questioneei, então, se seria possível realizar um trabalho com um grupo desta forma, ou se era necessário dividir os alunos em duas salas diferentes para melhorar o aprendizado dos mesmos.

O fator da heterogeneidade é muito comum em aulas coletivas de instrumento, porém, este era um caso específico que ainda não havia ocorrido comigo anteriormente e que a

diferença instrumental entre os alunos era muito acentuada. Após ponderar melhor a situação julguei que seria possível passar três conteúdos diferentes para o grupo em uma mesma sala, enquanto um estaria trabalhando sua atividade específica haveria espaço para ensinar outra atividade para os alunos que estariam com outro conteúdo. Porém, passei a refletir também sobre a possibilidade de adicionar atividades ou músicas que trabalhassem com todo o grupo, aproximando e promovendo a interação entre os estudantes de conteúdos diferentes, abrindo novos horizontes para a minha própria atuação e também para a música e performance que poderia ser feita dessa maneira. Esta idéia me chamou bastante a atenção e resolvi colocá-la em prática.

Este foi um dos principais motivos para a realização deste trabalho, refletir, experimentar e descrever formas de trabalhar com o ensino coletivo de violão em um contexto heterogêneo. Em seguida trataremos do levantamento dos conceitos realizados para balizar este trabalho e relataremos com mais detalhes os procedimentos adotados, como foi esta experiência, os dados coletados e as conclusões a que chegamos.

2. BREVE REVISÃO DE LITERATURA

Atualmente podemos encontrar muita literatura que fala a respeito de aulas coletivas de instrumento, até mesmo para casos específicos, como é o caso do ensino coletivo de violão, onde podemos dar destaque para autores como Tourinho (2003) e Brazil (2013). Na literatura levantada poderemos pensar sobre o conhecimento da área, no que se refere ao ensino coletivo e em grupo, e assim destacar importantes informações a respeito do tema.

2.1 Ensino coletivo de instrumento

No Brasil, a área de aulas coletivas tem se mostrado um campo amplo e com diversas possibilidades para o ensino de instrumento. Muitos estudos e análises a respeito deste tema vêm sendo feitos. Em um contexto mais amplo, Leão e Silva Sá (2014) acreditam “que a educação musical deve oferecer e proporcionar aos alunos, uma maior interação com diferentes contextos musicais e culturais, ampliando assim as suas dimensões de mundo.” (SILVA SÁ; LEÃO, 2014, p.3)

Para Balthazar e Freire (2012), a música é uma atividade que propõe a atuação em grupo e a interação com outros seres humanos. Na questão sobre aulas coletivas, os mesmos autores acreditam que “atuar em grupo, interagindo com outros seres humanos faz parte naturalmente do processo de produção e aprendizado musical, com a existência de uma série de formas de interação entre os participantes”. (BALTHAZAR; FREIRE, 2012, p. 20)

A formação de um grupo pode encadear uma série de aspectos sociais entre os integrantes, ultrapassando barreiras por meio do fazer musical.

Fazer música em geral ocorre em grupos (conjuntos, círculos, duos), e envolve a sincronização de ações físicas com uma extraordinária precisão e flexibilidade temporal. Tais interações físicas e sociais sincronizadas envolvem os processos de imitação, aprendizado, aprendizado compartilhado, previsão e pode encorajar o contato visual, sorrisos, risadas e a construção de relacionamentos, encorajando também a liderança, competição e a expressão individual – todas poderosas formas de aprendizado social. (OVERY; MOLNAR-SZAKACS, 2009, p. 489 apud BALTHAZAR; FREIRE, 2012, p. 20)

Dentro de um grupo, os integrantes podem apresentar diferentes características e preferências entre si, abordar músicas de diferentes estilos pode aumentar as chances de oferecer algo que já é do conhecimento dos alunos e ao mesmo tempo oferecer algo que ainda não conhecem, complementando a percepção dos estudantes perante a música.

O multiculturalismo implica, portanto uma concepção ampla de música, capaz de abarcar as múltiplas e diferenciadas manifestações: uma concepção ampla de música é uma condição necessária para que a educação musical possa atender a perspectiva multicultural, ao mesmo tempo em que a concepção da multiculturalidade contribui para a ampliação da concepção de música que norteia nossa postura educacional. (PENNA, 2006, p.5)

Podemos perceber em muitos estudos sobre esta área de ensino o destaque de autores sobre a democratização que as aulas coletivas proporcionam ao público. Segundo Cruvinel (2004), “pensa-se que a democratização do ensino musical deve ser uma bandeira para todos os educadores musicais que entendem que a música é parte integrante da formação do ser humano”. (CRUVINEL, 2004, p.35)

As aulas de instrumento em grupo oferecem muitas características diferentes das encontradas em aulas individuais Montandon (2004) também levantou a questão sobre o que é ensino em grupo ou ensino coletivo, e defende que:

A aula de instrumento que coloca vários alunos juntos (muitas vezes para economizar tempo), com um tocando determinado repertório padrão enquanto os outros escutam não é “ensino em grupo” ou “aprendizagem em grupo” mas aulas individuais dadas em grupo. (MONTANDON, 2004, p.47)

A autora acredita que discussões a respeito de aulas coletivas de instrumento podem contribuir para uma melhor definição sobre este campo e conseqüentemente auxiliar no crescimento e desenvolvimento do mesmo.

O que é ensino em grupo, quais são suas características, seus princípios, seus limites e suas possibilidades, a que e a quem ele pode servir no Brasil atual deveriam ser discussões seriamente fundamentadas, para podermos construir um campo de ação consciente. (MONTANDON, 2004, p.48)

A autora também afirma que:

Por essa razão, creio que devemos incluir nas discussões, debates sobre o que entendemos por ensino coletivo ou ensino em grupo, definindo com isso, também, o que não pode ser considerado ensino coletivo ou em grupo. Reflexões críticas poderão tanto clarificar nossas próprias concepções e ações quanto evitar que qualquer atividade onde esteja presente mais de um aluno seja classificada como “ensino em grupo. (MONTANDON, 2004, p.47)

Já Souza (2014) defende que a conclusão definitiva de um conceito sobre o ensino coletivo pode ser prematura, levando em conta a grande diversidade que existe neste meio de ensino musical.

Acredito que ainda seja um pouco precoce o fechamento de uma definição definitiva para o conceito de ensino coletivos ou ensino em grupo de instrumentos musicais no Brasil. Entretanto, destaco a importância de começar a pensar nesse conceito levando em consideração as diversas possibilidades metodológicas, diversas etapas da aprendizagem musical, bem como, os diversos objetivos específicos. (SOUZA, 2014, p.7)

Para que um melhor resultado possa ser obtido dentro de aulas coletivas de instrumento é necessário “avaliar o grau de coerência de propostas de ensino em grupo, entre o que se faz (procedimentos, materiais, conteúdos) e os objetivos proclamados.” (MONTANDON, 2004, p.46)

O esclarecimento dos propósitos das aulas coletivas também possui fundamental importância neste campo de ensino musical. “[...] a clarificação das funções e objetivos de modelo de ensino em grupo pode colaborar para que os materiais, conteúdos e procedimentos usados nesses modelos sejam devidamente compreendidos e usados”. (MONTANDON, 2004, p.46)

Sobre a escolha do repertório, muitos autores acreditam que trazer algo do cotidiano e do gosto dos alunos influência de maneira positiva no processo de aprendizagem dos mesmos. Silva Sá e Leão (2014) consideram “primordial a escolha do repertório como um fator determinante no sucesso da estratégia de ensino proposto, uma vez que o aluno estará aprendendo temas e assuntos de seu interesse”. (SILVA SÁ; LEÃO, 2014, p.1)

A mistura entre o que já é do cotidiano do aluno e o novo é uma maneira defendida por diversos autores para se utilizar em aulas coletivas de instrumento, esta mistura também

também pode ser relacionada com o fator da heterogeneidade entre os estudantes, pois, “mesmo o aluno encontrando um universo musical mais amplo e diversificado, também lida com um repertório que faz parte da sua experiência de vida e isso faz com que não crie uma resistência para aprender o novo”. (SILVA SÁ; LEÃO, 2014, p.9)

Uma aula de ensino coletivo de instrumento também deve ser adequada aos estudantes, fazendo uso da observação das suas singularidades. Desta forma, “não devemos ter um modelo único de ensino que ‘sirva’ a todos alunos. Devemos enxergar a individualidade de cada aluno, sua realidade humana, no contexto cultural e social”. (CRUVINEL, 2004, p.33)

Montandon (2004) acredita que a reflexão de educadores sobre os vários aspectos que cercam as aulas instrumentais em grupo pode contribuir para a criação de futuros modelos de aula. “ [...] bons modelos de aula em grupo poderão ser construídos e desenvolvidos por professores de instrumento, a partir de uma sólida reflexão e compreensão sobre o papel, a função e os objetivos do ensino de instrumento em grupo”. (MONTANDON, 2004, p.46)

2.2 – O professor dentro do contexto de ensino coletivo de instrumento

Dentro de sala de aula, o professor está diante de vários desafios e deve usar mecanismos para superá-los. A sua figura ainda é fundamental no processo de ensino-aprendizagem, auxiliando, guiando e facilitando o aprendizado dos alunos. Sobre a postura do professor, Cruvinel afirma que:

A postura do educador musical crítico e reflexivo é aquela que tem uma escuta sensível aos anseios dos educando, em um estado de permanente diálogo, além de ser um investigador reflexivo e atuante no sentido de estar sempre atento aos processos de ensino-aprendizagem, considerando a realidade de cada educando em seus diversos aspectos sócio-culturais, tendo em vista a complexidade em que se vive o mundo e se constrói o conhecimento. (CRUVINEL, 2004, p.34)

A respeito da elaboração e organização do professor perante as aulas de ensino coletivo, Souza declara que:

Sobre a preparação do professor que irá trabalhar com o ensino coletivo é possível encontrar alguns relatos na literatura desse tema. Existem habilidades cruciais que vão desde a administração da turma, passando pela definição de objetivos, até o entendimento da função do professor no processo de ensino e aprendizagem dos diferentes níveis de habilidades musicais. (SOUZA, 2014, p.5)

Leão e Silva Sá (2014) também adicionam falas sobre a importância da elaboração e postura do professor, mas abordando especificamente o ensino coletivo de violão: “Em se tratando do ensino coletivo de violão, faz-se necessário que o professor, tenha uma postura crítica na análise e na elaboração do currículo, como também na escolha do repertório a ser utilizado no sistema pedagógico.” (SILVA SÁ; LEÃO, 2014, p.3)

Primeiramente, acredita-se que o educador musical deve assumir um posicionamento crítico e reflexivo no sentido de intervenção social. Ele deve ter consciência de qual papel desempenha na sociedade e que tipo de ser humano/cidadão pretende formar. Por outro lado, por meio da prática pedagógica aliada a estudos e pesquisas, poderá sistematizar metodologias eficiente para o ensino instrumental coletivo. Após esse passo, o educador musical deve ter o interesse em compartilhar suas experiências e conhecer outras, a partir de um maior intercâmbio com outros educadores. (CRUVINEL, 2004, p.35)

Montandon (2004) realizou reflexões sobre o ensino musical em grupo e comenta que as questões de maior interesse de professores e alunos giram em torno da área metodológica. “O que dar na aula em grupo? Como dar aulas em grupo? Que material usar? Qual o melhor número de alunos para cada grupo? Para qual faixa etária o ensino em grupo é mais adequado? Para que nível é mais adequado?”. Estas questões levantadas pela autora ainda se mostram muito atuais e algumas delas se encaixam perfeitamente na realidade de muitos educadores musicais. (MONTANDON, 2004, p.44)

Dentro de sala, o professor deve procurar maneiras de fazer os alunos interagirem entre em si. Assim, “é mais efetivo que o professor esteja preparado para propor diversas atividades que visem a participação ativa dos membros do grupo. Sugerimos, por exemplo, que o professor prepare atividades em conjunto.” (TOURINHO; BARRETO, 2003, p.7)

Tourinho acrescenta afirmando que:

A aula de música precisa ser dinâmica, viva, não pode haver espaços “em branco”, o professor precisa ser assíduo, pontual, exigente, flexível... um

super professor! Precisa ser competente para conferir autonomia e possibilidade de participação ao estudante, e ainda assim manter o controle da classe. (TOURINHO, 2004, p.41)

Segundo Montandon (2004) as possibilidades do ensino em grupo são várias e amplas e levanta a questão da diferença referente á atuação do professor em aulas em grupo e em aulas individuais.

Ainda, que há uma grande quantidade de materiais disponíveis no mercado, assim como muitos materiais podem ser adaptados ou criados pelo professor. O que me pareceu mais importante foi entender que o perfil do professor para o ensino em grupo é bem diferente do ensino individual. Como observa MEHR (1965), não é o formato da aula que faz a diferença, mas o que podemos fazer com ele. (MONTANDON, 2004, p.45)

Em aulas coletivas de instrumento o professor também deve estar atento ao contexto em que a sua aula está inserida, para gerar uma metodologia adequada ao ambiente em que será desenvolvido o seu trabalho.

[...] alguns educadores musicais ainda permanecem distantes do contexto social em que vivem, repassando e perpetuando as antigas fórmulas metodológicas como “verdades” (quase) absolutas, imutáveis (CRUVINEL, 2005). Daí, arrisca-se o fundamento da resistência sentida dos educadores musicais em relação ao ensino coletivo de instrumento musical. (CRUVINEL, 2004, p.33-34)

Acreditamos que os conceitos destacados neste capítulo nos ajudou a compreender melhor algumas questões e características que envolvem o ensino coletivo de instrumento. É possível ver que certos autores tem se preocupado com está área de ensino musical. Com estas informações , será possível refletir melhor sobre as informações coletadas na pesquisa.

3. METODOLOGIA

Descreveremos agora como foi realizado o presente trabalho. Procuramos mostrar quem são os alunos, quais foram os desafios encontrados dentro de sala de aula, as táticas e as práticas escolhidas no processo de ensino dentro do curso, e os métodos de pesquisa que foram incorporados para a realização deste trabalho, com o intuito de descrever o processo de ensino no contexto do curso de Violão Popular da escola Cursos Livres Musicais, CLM.

3.1 Abordagem qualitativa

Esta pesquisa teve como objetivo observar o processo de aprendizagem dos alunos dentro de aulas de violão em grupo, levando em conta a questão da heterogeneidade entre eles, buscou-se então uma metodologia que pudesse explorar e analisar os fatos que ocorreram dentro de sala de aula, e assim aprofundar tudo aquilo que foi levantado. Para isso foi escolhido utilizar uma abordagem qualitativa a partir de uma descrição reflexiva sobre o contexto estudado.

Para realizar a coleta de informações para este trabalho foram utilizadas uma entrevista, a observação e gravações de vídeo da performance dos alunos. Com isto poderemos analisar diversos aspectos diretamente ligados ao ensino coletivo de instrumento.

3.2 Perfil do aluno

A turma observada contou com sete alunos ao todo. Aqui será descrito o perfil de cada um, relatando a sua provável idade, se teve alguma experiência passada com o violão e outras informações relevantes a seu respeito. Os estudantes serão nomeados por números, se forem do gênero masculino serão tratados como “Aluno” e se forem do gênero feminino serão tratados como “Aluna”.

O Aluno 1 tem cerca de quinze anos e realiza o curso de Violão Popular no CLM desde a minha entrada como professor em 2014. Ele já possui um bom domínio do instrumento e nunca teve aulas individuais. Ele teve um relevante desenvolvimento no violão durante estes dois anos, além disso se interessa por variados estilos musicais, como por exemplo o *Rock*, *Baião*, *Samba*, dentre outros. Ele tem facilidade em aprender músicas mais

exigentes tecnicamente, ele também tem o costume de aprender músicas disponíveis em vídeo-aulas na *internet*. Porém, o Aluno 1 possui dificuldade em “tirar músicas de ouvido”, e também apresenta alguns problemas de técnica tanto na mão esquerda quanto na direita. Ele demonstra muita motivação no estudo do violão e deseja fazer a prova de ingresso para a Escola de Música de Brasília, CEP-EMB. Ele é o aluno mais avançado da turma.

A Aluna 2 tem cerca de cinquenta anos e já fez o curso de Violão Popular no CLM com outro professor da escola. Ela possui uma boa experiência no violão e demonstra um relevante domínio na execução do instrumento, manifestando facilidade em aprender e executar “levadas” rítmicas de mão direita, bem como executar os acordes na mão esquerda. A Aluna 2 tem preferência por estilos musicais brasileiros e demonstra ter mais familiaridade em executar ritmos de mão direita do que de executar melodias no instrumento. Ela também apresenta características de ter uma percepção musical mais apurada que o Aluno 1. Infelizmente a Aluna 2 teve problemas de horário e só compareceu em duas aulas do curso.

O Aluno 3 tem cerca de quarenta anos e procurou o curso do CLM para aprender a tocar violão, sendo assim ele teve o seu primeiro contato com o instrumento em Março de 2016. Ele possui um gosto musical variado e se mostra interessado em estudar o violão, procurando por vídeo-aulas na *internet* e compartilhando estes vídeos com os colegas. Porém, o Aluno 3 possui uma forte dificuldade técnica, em ambas as mãos, necessitando de um pouco mais de tempo para conseguir executar e aprender as músicas e atividades do curso, mas com sua persistência ele tem conseguido superar os desafios e evoluir em sua execução instrumental.

O Aluno 4 é sobrinho do Aluno 3 e tem cerca de 14 anos, ele também iniciou os estudos no violão em Março de 2016. Ele possui uma preferência maior por músicas internacionais. Ele possui certas dificuldades técnicas em ambas as mãos mas possui o hábito de questionar o professor sobre como deve ser feita a execução correta.

A Aluna 5 tem cerca de 35 anos e já teve uma experiência passada com aulas individuais e também como autodidata com o violão, porém ela ficou muitos anos sem tocar e por esse motivo esqueceu quase tudo o que aprendeu, por isso ela procurou o curso do CLM para voltar a tocar. Ela tem um gosto musical variado e demonstra ter uma facilidade técnica maior entre os alunos com menos experiência, ela também tem a tendência de aprender mais rápido do que estes colegas.

A Aluna 6 tem cerca de 50 anos e já teve uma experiência passada com dois meses de aulas individuais de violão, ela ainda tem lembranças de algumas coisas que estudou neste período. Ela possui uma preferência por estilos musicais brasileiros. Assim como a Aluna 5 ela demonstra ter facilidade em aprender e executar músicas no instrumento. Esta aluna gosta de se socializar com os colegas.

O Aluno 7 tem cerca de 35 anos e procurou o curso para aprender a tocar violão, sendo assim ele teve o seu primeiro contato com o instrumento em Março de 2016. Ele tem um gosto musical variado, mas tem preferência pelo *Rock* internacional. Ele possui uma dificuldade técnica bastante acentuada na mão esquerda, principalmente para executar os acordes, durante as aulas é necessário conduzir e ajudar a sua execução instrumental. Porém, ele demonstra um forte interesse e gosto em tocar, o que ajuda o processo. Assim como a Aluna 6 ele é bastante sociável com os seus colegas.

3.3 Entrevista

A entrevista realizada com os alunos do curso foi feita de forma semi estruturada, ou seja, uma entrevista com um caráter menos rígido, contando com a possibilidade de se modificar ou até mesmo criar os questionamentos durante o decorrer do processo. As perguntas da pesquisa foram criadas procurando instigar os alunos a falarem sobre as suas opiniões a respeito de assuntos que fossem relevantes para este trabalho.

[...] a entrevista pode ser concebida como um processo de interação social, verbal e não verbal, que ocorre face a face, entre um pesquisador, que tem um objetivo previamente definido, e um entrevistado que, supostamente, possui a informação que possibilita estudar o fenômeno em pauta, e cuja mediação ocorre, principalmente, por meio da linguagem. (MANZINI, 2004, p.9)

A entrevista foi feita durante uma aula e durou cerca de dez minutos. Ela procurou utilizar perguntas simples, abrindo espaço para os alunos relatarem seus pensamentos e desenvolvê-los, caso o quisessem fazer. As perguntas feitas foram: se os estudantes preferem aulas instrumentais em grupo ou individuais; se acreditam que é possível aprender em grupo mesmo com a diferença instrumental existente entre os alunos; se a performance coletiva

ajuda no aprendizado; se gostaram de unir atividades específicas para cada grupo e atividades coletivas.

3.4 Apostilas

Dentro do curso de Violão Popular no CLM foram criadas apostilas para os alunos utilizarem a cada etapa do curso. A princípio seriam utilizadas três apostilas diferentes na turma observada, mas foram necessárias apenas duas com o abandono de uma das alunas. As apostilas contavam com cerca de 10 músicas de variados estilos, tanto nacionais quanto internacionais, que visavam estar de acordo com o nível técnico dos alunos que iriam usá-las. Um bom número de músicas utilizadas nas apostilas foram sugeridas por outros alunos de etapas passadas. Com a divisão de duas apostilas diferentes os estudantes poderiam estudar suas músicas específicas e em determinados momentos tocar músicas ou atividades que envolveriam todo o grupo. Neste último caso foi mais fácil e mais utilizado adequar ideias para a execução do aluno mais experiente com o repertório do grupo de alunos iniciantes do que a situação contrária.

No mercado atual podemos encontrar até mesmo materiais específicos que foram desenvolvidos visando o auxílio a professores que trabalham com o modelo de aulas coletivas de instrumento. No caso do violão, Tourinho e Barreto (2003), idealizaram o material “Oficina de Violão” que procura desenvolver não somente a prática musical, como também a percepção auditiva e visual, leitura musical e improvisação. Os autores relatam “a importância de considerar a bagagem musical prévia que o aluno traz a aula: ao invés de rejeita-la ou ignora-la. Sua inclusão pode se constituir numa poderosa fonte de motivação”. (TOURINHO; BARRETO, 2003, p.1)

Brazil (2013) também criou materiais visando este modelo de aulas instrumentais. Em suas pesquisas, ele levanta a importância em se ter um material didático para aulas coletivas. Segundo ele “as perspectivas baseadas na realidade editorial brasileira apontam para a continuidade da carência desse tipo de material no mercado e da continuidade da utilização de materiais importados, distantes da nossa cultura e da nossa prática didática”. (BRAZIL, 2013, p.140)

Ele também fala sobre a dificuldade de se ter um material apropriado para todos os diferentes locais em que o ensino coletivo de instrumento é adotado, sendo assim, um material deve ser escolhido ou montado com base no contexto em que ele será inserido.

Conhecendo as características do ensino coletivo de violões, a diversidade dos espaços onde ele ocorre e sabendo da impossibilidade de existir um material adequado para cada um desses espaços, partimos do princípio que dificilmente existirá um método totalmente funcional para esse tipo de atividade didática. (BRAZIL, 2013, p.140)

Este pensamento está de acordo com o que foi buscado nas apostilas utilizadas com a turma observada nesta pesquisa.

3.5 Arranjo em aulas coletivas de instrumento

O arranjo foi também uma das formas utilizadas para a execução de atividades musicais que contavam com a interação de todos os alunos. O arranjo ofereceu a possibilidade de adaptação de idéias que pudessem ser colocadas em prática em sala de aula, de forma mais livre e espontânea. Uma das singularidades na utilização de arranjos era procurar um ambiente de atividades mais intuitivas e criativas, colocando-as em prática dentro do contexto de sala de aula e perceber quais foram os resultados apresentados.

Um dos arranjos colocados em prática que procurava trabalhar com toda a turma foi o uso de um desenho muito utilizado da escala pentatônica menor, juntamente com dois acompanhamentos diferentes no violão, que quando juntos não se chocavam. A princípio esta atividade foi criada quando a turma do curso ainda tinha todos os seus integrantes, procurando utilizar algo que fosse musical e que estivesse de acordo com o que os alunos de cada nível estivessem estudando ou que possuem facilidade em tocar. Apesar de cada parte da atividade visar cada nível de alunos, ela foi ensinada de forma aberta, assim todos os estudantes poderiam ver o que os outros colegas iriam executar. Além disso, esta atividade também trabalhava com a improvisação musical, prática muito comum na música popular. Sendo assim os alunos tiveram a oportunidade de saber e vivenciar um pouco desta prática tão comum e estudada no universo da música. “Um arranjo apresentado para a turma de

alunos também pode ser visto como um objetivo a ser cumprido, uma meta.” (BRAZIL; TOURINHO, 2013, p.5)

Brazil e Tourinho (2013) afirmam que o arranjo é uma opção para o educador quando existe ausência de materiais como suporte para a aula, também é afirmado que:

[...] um arranjo pode funcionar melhor se estiver direcionado para as capacidades do grupo que irá executá-lo, sempre optamos pela elaboração de arranjos novos diante da necessidade de renovação de repertório ou como ferramenta para o ensino de aspectos técnicos do violão. (BRAZIL; TOURINHO, 2013, p.3)

Os autores defendem que o arranjo precisa estar coerente com as habilidades técnicas do alunos para que um melhor resultado seja obtido. “O ideal, portanto, é que apresente desafios possíveis para todos.” (BRAZIL; TOURINHO, 2013, p.3)

Com o crescente surgimento de cursos coletivos de instrumento em diversos espaços, formais e não formais, a adaptação dos currículos de formação de professores de música para essa nova realidade será, brevemente, uma necessidade real. Além dos estudos das estratégias e metodologias específicas dessa forma de ensino, os estudos de arranjos e composição poderão abordar também a criação de materiais didáticos. (BRAZIL; TOURINHO, 2013, p.6)

3.6 Improvisação

Uma atividade de improvisação foi feita com a turma dentro do arranjo que envolvia a escala pentatônica menor. Esta prática procurou envolver todos alunos a utilizar a criatividade e a experimentação. A prática do improviso procurou mostrar para os estudantes a importância que existe em se ter liberdade no fazer musical, onde escalas ou seqüências melódicas, mesmo que simples, podem ser exploradas dentro de músicas. Albino defende a hipótese de que:

[...] a prática da improvisação proporciona aos músicos e estudantes, o desenvolvimento e aprimoramento de várias habilidades e capacidades musicais; pode ser uma ferramenta auxiliar para a performance; dá condições para o executante desenvolver com mais propriedade sua espontaneidade; desenvolve sua percepção musical. (ALBINO, 2009, p.10)

A turma foi orientada a tocar as notas utilizadas na escala pentatônica menor mas da forma que quisessem. Algumas dicas foram dadas pelo professor para orientar melhor os alunos.

O uso da improvisação também pode influenciar a criatividade dos estudantes, instigando-os a testar algumas possibilidades no instrumento.

Por fim, acreditamos que o estímulo e o desenvolvimento da criatividade podem estar integrados ao processo de aprendizagem musical, instrumentalizando e preparando todos aqueles envolvidos neste processo para um desempenho mais fluente e espontâneo face a uma diversidade de contextos musicais. (NAZÁRIO; MANNIS, 2014, p.76)

3.7 Recursos tecnológicos

Durante as aulas, um ponto que vale ser ressaltado é o uso de celulares e *smartphones* como auxílio para o ensino de alguma música e também para o estudo dos alunos quando os mesmos estão em casa. O uso de aplicativos de comunicação em *smartphones* possibilita uma interação mais fácil entre o professor e os alunos quando estes estão distantes de si e quando não estão no momento exato da aula. “A escolha de um determinado recurso tecnológico para o processo de ensino-aprendizagem está intrinsecamente relacionada com o momento social, político e econômico em que se insere uma cultura”.

Em diversas aulas os próprios alunos pediram para gravar em vídeo a execução da atividade ou da música que estava sendo estudada no dia, para que quando estivessem em casa pudessem ter o vídeo em mãos como ferramenta para o estudo do instrumento. As gravações também são compartilhadas entre os alunos, dentro de grupos formados em aplicativos de comunicação nos celulares. Em um destes grupos, formado pelos estudantes em que este trabalho está sendo baseado, um aluno afirmou para o outro: “As tuas gravações é o que salvam o nosso treinamento!”. Esta afirmação mostra como os recentes avanços tecnológicos estão contribuindo diretamente para o desenvolvimento dos estudantes durante o processo de aprendizagem de um instrumento. Segundo Tourinho e Barreto (2003) “o virtual alterou o cotidiano, o estilo de falar e escrever, a forma de perceber a sociedade onde se vive.” (TOURINHO; BARRETO, 2003, p.1)

Em outra ocasião dentro de um destes grupos, um dos alunos compartilhou dois vídeos que encontrou na internet. Em um deles eram dadas dicas de como se fazer a técnica da pestana no violão, e no outro um músico ensinava como se tocava a música “Brasileirinho” de Waldyr Azevedo. Em outros momentos, algumas músicas foram sugeridas por outros alunos para serem estudadas em sala de aula.

Até mesmo em algumas ocasiões nas próprias aulas, os celulares com acesso a internet foram utilizados para se fazer a escuta de alguma música. Neste século XXI “nos defrontamos com os mais variados suportes em que a música está presente. Ela está nos meios de comunicação, nos telefones convencionais e celulares, na internet, vídeos, lojas, bares, alto-falantes [...]”. (HUMMES, 2004, p.17)

Os celulares também facilitaram as gravações de vídeo da performance do grupo, ajudando a comparar o desenvolvimento dos alunos durante o processo e analisar fatores musicais da performance dos mesmos.

Neste capítulo procuramos detalhar o processo de ensino e aprendizagem e da pesquisa que ocorreu dentro do curso de violão no CLM, exibindo como se deu a entrevista com os alunos, as atividades realizadas que procuraram envolver toda a turma e alguns fatores que se mostraram importantes e presentes durante as aulas do curso.

4. REFLEXÕES SOBRE OS RESULTADOS

Neste capítulo será feita a análise dos dados que foram levantados durante as aulas e também na entrevista e gravações de vídeo realizadas com alunos do curso ministrado. Estas informações serão relacionadas e comparadas com as referências que fazem parte da literatura a respeito do ensino coletivo de instrumento e que serviram como base para este trabalho para que possamos encontrar convergências e divergências entre o que foi coletado na pesquisa e o que dizem os autores que tratam do tema.

4.1 A entrevista

Na entrevista realizada foi possível notar nas respostas dos alunos fatores relacionados à aprendizagem musical e fatores extra musicais. Quando perguntados a respeito da preferência pessoal entre aulas coletivas ou particulares, todos os alunos responderam que preferem aulas em grupo, alguns comentaram que se sentem mais relaxados e com menos pressão durante a aula, podendo praticar e aprender de uma maneira mais desinibida. Uma aluna também expôs que sente que um grupo não tão grande é mais benéfico para o aprendizado de toda a turma, argumentando que dessa forma o professor pode dar mais atenção e auxiliar melhor os alunos durante a execução das atividades. Brazil e Tourinho (2013) afirmam que “o ambiente participativo e não competitivo que se estabelece durante o processo, aliado ao resultado musical, diminui a ansiedade dos alunos [...]”. (BRAZIL; TOURINHO, 2013, p.4)

Com relação ao vínculo com o grupo, alguns alunos mencionaram que o fator dos integrantes pode estimular e incentivar o aprendizado, e que é possível aprender com os colegas. Uma outra aluna também comentou que a explicação do professor para uma atividade ou para um aluno pode também servir para todo o grupo, argumentando que os alunos podem compartilhar das mesmas dúvidas e dificuldades. Isto vai de acordo com a fala de Souza (2014): “Concluo que o ensino coletivo ou em grupo de instrumentos musicais é uma abordagem de ensino que visa a construção da aprendizagem musical através da relação do indivíduo com o professor, os colegas e o ambiente de aprendizagem”. (SOUZA, 2014, p.7)

Sobre a questão que abordava a performance em conjunto os alunos responderam que acreditam que tocar as músicas de maneira coletiva afeta diretamente na melhora da execução do instrumento. Segundo a pesquisa de Cruvinel (2004), algumas evidências foram percebidas sobre a eficiência do ensino coletivo de instrumento musical, como por exemplo: o acelerado desenvolvimento dos elementos técnico-musicais para a iniciação musical; desenvolvimento da percepção auditiva, coordenação motora, a concentração, a memória, o raciocínio, a agilidade, a cooperação; as relações inter-pessoais do processo que contribuem de maneira significativa no desenvolvimento da aprendizagem. O uso destes vários mecanismos na prática coletiva pode ser a razão ao qual os alunos acreditam que levam a melhora da execução do instrumento.

Por fim os alunos responderam que não viram problemas em juntar atividades específicas para cada grupo e outras em que todo o grupo tocava junto. Eles afirmaram que havia espaço para todos serem atendidos e que achavam a prática coletiva muito útil para o estudo do instrumento.

4.2 Atividades e ações que ocorreram no decorrer das aulas

Com a turma observada foram utilizadas ao todo três apostilas diferentes, cada uma contava com uma seleção de cerca de dez músicas que levavam em conta o nível técnico em que cada grupo de alunos se encontrava. Cinco alunos utilizaram a apostila 1, que contava com músicas mais simples de serem executadas, com sequências harmônicas que possuíam três ou quatro acordes e poucas destas músicas utilizavam acordes com pestana. Uma aluna utilizou a apostila 2, que contava com músicas um pouco mais difíceis e com variações rítmicas de mão direita, infelizmente esta foi a aluna que não pode dar continuidade ao curso. Um aluno utilizou a apostila 6, que contava com cerca de duas peças solo para violão e com uma variedade de músicas de diferentes estilos, como Samba, Baião, Bossa Nova, dentre outros.

Durante as aulas do curso, foi possível perceber que, ao ensinar uma música específica para os alunos da apostila 1, os outros dois alunos que estudavam as outras apostilas ficavam atentos a explicação e execução da música. No instante da performance em grupo, eles tocavam juntos com os demais alunos. Possivelmente, eles aprenderam a tocar

estas músicas por meio da visualização e memorização das seqüências harmônicas utilizadas, que não eram tão complexas.

Em um determinado momento o aluno que estudava a apostila 6 procurou tocar a seqüência de acordes de uma música que os alunos da apostila 1 estavam tocando mas em uma região diferente do braço do violão, utilizando desenhos de acordes diferentes que o restante do grupo. Esta ação partiu do próprio estudante, sem orientação do professor, e adicionou mais “cores” na hora da performance da música. A realização do aluno foi elogiada e estimulada para ser feita mais vezes em outros momentos, e isto de fato ocorreu em outras músicas, com a exploração do próprio aluno em variados desenhos e inversões dos acordes que estavam sendo utilizados em um determinado momento. Além disso, foi possível notar que este aluno também procurou usar variações de dedilhados na mão direita na execução de algumas músicas, ao invés de tocar “batidas” rítmicas comuns ao violão. Isto mostrou a sua associação de um exercício particular do seu aprendizado no curso dentro da performance musical.

As músicas e atividades voltadas para os alunos da Apostila 1 também procuraram ser gradativas em níveis de dificuldade técnica. Souza (2014) acredita que as metodologias para aulas coletivas de instrumento precisam ser “criadas e adequadas de acordo com os objetivos específicos de cada etapa da aprendizagem do instrumento musical”. Como foi relatado brevemente, mesmo as atividades mais simples para alunos iniciantes não afetaram a exploração do instrumento por parte do aluno mais avançado. “Outro mecanismo essencial tem haver com as autorregulações, ou seja, ajustes de condutas progressivas para obter êxito no desenrolar da realização das tarefas e descobertas”. (KEBACH, 2009, p.86)

Sobre a escolha de trabalhar um repertório abrangente em estilos musicais Pies (2011, *apud* SILVA SÁ; LEÃO, 2014) enfatiza que o professor poderá elaborar uma metodologia de ensino baseada em um repertório que respeite as diferenças e construa aprendizagens sólidas e críticas entre todos.

Com relação a utilização do arranjo dentro do curso, o mesmo se mostrou uma forte ferramenta para o fazer musical dentro de sala de aula, mostrando que existem diversas possibilidades para serem exploradas e aplicadas no ensino de instrumento e em performances musicais. Durante a execução dos arranjos, a maior dificuldade dos alunos estava na execução rítmica. Em alguns momentos, principalmente na atividade que envolvia

a escala pentatônica foi necessário um pouco mais de tempo para que os alunos executassem o arranjo de forma correta. A elaboração de atividades musicais que sejam adaptadas e visando a execução e desenvolvimento dos estudantes também pode ser obtida e até mesmo facilitada com o uso de arranjos. “O arranjo musical direcionado [...] surge como elemento deflagrador desse processo motivacional, podendo também ser um dos responsáveis pela manutenção do interesse dos alunos ao longo do processo de aprendizagem musical”. (BRAZIL; TOURINHO, 2013, p.7)

Durante o curso, foi incentivada a memorização de acordes, escalas e seqüências harmônicas de músicas foi incentivada. Silva Sá e Leão (2014) escreveram um artigo sobre as diferentes formas e a importância da memorização que acontecem em uma aula coletiva de violão, eles defendem que “o conhecimento sobre os diferentes mecanismos envolvidos no processo de memorização contribuem com o desenvolvimento de estratégias de ensino/aprendizagem que favoreçam um melhor aprendizado coletivo de violão.” (SILVA SÁ; LEÃO, 2014, p.10)

Os autores também afirmam que “fica clara a importância dos educadores musicais se dedicarem cada vez mais ao estudo dos processos de memorização a fim de desenvolverem um melhor ensino de música em suas aulas” e que “a pedagogia do ensino/aprendizagem do violão poderia se beneficiar com os inúmeros manuais e sugestões de exercícios com o objetivo específico de desenvolver estratégias de memorização”. (SILVA SÁ; LEÃO, 2014, p.10)

A atividade de improvisação também mostrou bons resultados, diferenciando-a de aulas em que ocorriam apenas execuções de músicas. A partir deles procurou-se instigar a criatividade dos alunos.

O uso da capacidade criativa como ferramenta para o desenvolvimento cognitivo tem ganhado destaque em diferentes análises educacionais, propondo uma pedagogia libertadora, desvinculada de sistematizações ideológicas e aprendizagens receptivas e mecânicas. (NAZÁRIO; MANNIS 2014, p.11)

Com o passar do curso e da prática instrumental, os alunos também demonstraram a evolução que tiveram. Em muitos casos, a aprendizagem entre eles foi feita de forma colaborativa, com um aluno auxiliando o outro na execução do instrumento.

4.3 As gravações em vídeo

Nas gravações foi possível ver que os alunos sentiram uma certa pressão ao executarem uma música ou atividade. Porém, os mesmos também aparentaram estar mais concentrados durante a execução instrumental nestes momentos.

Sobre a execução musical dos alunos é possível perceber pequenos erros em alguns momentos, porém nota-se que os estudantes conseguiram tocar em conjunto, atentos não somente ao que estavam tocando, mas também ao que os colegas estavam tocando. Nas gravações é possível identificar o amadurecimento dos alunos com relação a execução de músicas em conjunto, principalmente por parte dos alunos iniciantes, no começo do contato com o violão a performance em conjunto por parte deles apresentava tradicionais dificuldades técnicas, com o tempo e a prática podemos ver a evolução que eles demonstraram em vídeo.

As gravações de vídeo mostram que possivelmente a performance em grupo teve forte influência principalmente na melhora rítmica e perceptiva para todos os integrantes do grupo, auxiliando no desempenho dos mesmos.

Muitas análises feitas neste capítulo puderam ser relacionadas com a fala de certos autores a respeito do ensino coletivo de instrumento, ajudando a compreender melhor a visão dos alunos e também o processo de ensino e aprendizagem das atividades realizadas dentro de sala de aula. Fatores como a diversidade de atividades utilizadas dentro de sala de aula recebem destaque, apresentando resultados satisfatórios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As aulas coletivas possuem a capacidade de ensinar de diferentes maneiras, seja pelo uso da imitação, percepção, leitura, comunicação, performance, dentre outros. Após a leitura de temáticas relacionadas a este trabalho é possível afirmar que o ensino de instrumento musical em grupo é uma área crescente, muito rica e recheada de possibilidades para o ensino-aprendizagem. Essas possibilidades estimulam o interesse em se aprofundar no tema, promovendo a realização de mais estudos, análises, encontros e debates a respeito deste assunto, contribuindo para o crescimento do campo.

É possível perceber na fala de muitos autores que o fator da heterogeneidade entre os alunos é algo muito comum e que deve ser levado em consideração durante a construção das aulas, o educador musical também deve estar ciente sobre os vários aspectos que cercam uma aula coletiva de instrumento.

Quando está claro para os professores o papel, a função e os objetivos da sua prática enquanto educador, é possível refletir de forma mais eficaz a respeito da metodologia que será aplicada, podendo otimizar as suas aulas e potencializar o processo de aprendizagem dos seus educandos. (SOUZA, 2014, p.6)

Durante as 12 aulas do curso foi possível perceber que os alunos construíram uma forte relação entre si, tanto do ponto de vista social quanto ao de aprendizagem, mesmo com todas as diferenças existentes entre eles, tanto da perspectiva pessoal quanto da instrumental. Durante este período, eles compartilharam muitas experiências e ideias, conseguindo um desenvolvimento significativo no estudo do instrumento.

Em relação ao fator da heterogeneidade foi possível perceber que com o uso de estratégias e práticas variadas, como o uso de arranjos e da improvisação, foi praticável ensinar músicas e atividades para alunos de diferentes níveis musicais, até mesmo quando esta diferença é bastante considerável, que foi o caso da turma em que este trabalho se baseou, em que um aluno com pelo menos 3 anos de estudo de violão tocou junto com alunos que tinham acabado de ter o primeiro contato com este instrumento. Ressalta-se que as atividades e as músicas precisaram ser selecionadas visando a aprendizagem destes dois grupos de estudantes, oferecendo desafios e requisitando uma maior necessidade de cada integrante

ouvir ambas as partes que estavam sendo tocadas, incentivando assim a prática de performance em grupo. Os resultados apresentados foram satisfatórios e positivos, os estudantes também se mostraram interessados e concentrados durante as práticas. A heterogeneidade entre os alunos deve ser tratada via:

Uma prática pedagógica embasada numa concepção de música suficientemente ampla para abarcar a multiplicidade leva ao diálogo como prática e princípio para lidar com a diversidade, sendo capaz de contribuir para a expansão (em alcance e qualidade) da experiência artística e cultural de nossos alunos. O diálogo entre diferentes práticas culturais artísticas e musicais é, portanto, essencial para o crescimento de todos [...] (PENNA, 2006,p.40)

Fazendo ajustes de acordo com o nível dos alunos, as atividades de arranjos e improvisação se mostraram bastante adequadas para promover a integração e execução do grupo como um todo, além de trabalhar com o lado criativo, tanto dos estudantes quanto do professor. Estas atividades trouxeram mais dinâmica dentro das aulas, e as diferenciaram de aulas que priorizam a execução de um determinado repertório de músicas.

Apesar de terem sido realizadas músicas e atividades com todo o grupo, a prática individual entre os alunos de diferentes níveis também foi feita. Foi fundamental buscar o equilíbrio entre conteúdos que buscavam trabalhar com toda a turma e outros que focavam cada grupo de forma independente. Dessa maneira, almejou-se satisfazer e atender as necessidades e singularidades dos alunos de diferentes níveis, de forma mais separada e particular. Em resumo, o trabalho feito com a turma uniu tanto a prática em conjunto quanto uma aproximação mais individual e particular.

Outro ponto que merece destaque é a utilização da tecnologia como ferramenta durante o aprendizado dos estudantes, tanto para os que já possuem mais tempo de estudo do instrumento, quanto os mais iniciantes. Mecanismos como a internet e aplicativos de celulares promovem um acesso mais rápido e fácil para algumas ocasiões dentro de sala de aula. Mesmo fora de sala de aula, com o uso das redes sociais e outros meios de interação, a comunicação entre os estudantes juntamente ao professor é muito acessível, os integrantes podem expor perguntas e compartilhar idéias com os outros. O recurso de se fazer vídeos também foi um ato muito utilizado e requisitado pelos os estudantes durante o curso, sendo mais uma ferramenta para eles no estudo do instrumento.

O planejamento de aulas também foi importante para organizar as atividades e otimizar o aproveitamento do tempo, com ele foi traçado um plano de ensino que fosse eficaz com uma turma tão heterogênea. Assim, tanto nos momentos de prática em grupo quanto nos momentos mais individuais, todos os alunos tiveram a oportunidade de serem orientados. Para uma turma com alunos de diferentes níveis, os planejamentos ajudaram de maneira significativa a estruturar melhor as aulas e conseguir resultados positivos.

Analisando todos estes pontos, podemos concluir que para se construir aulas coletivas de instrumento com uma turma heterogênea é necessário a união de vários fatores que irão otimizar as chances de sucesso das aulas e do desenvolvimento instrumental de todo o grupo. Adequando e selecionando músicas e atividades, utilizando a tecnologia a favor da aprendizagem e comunicação dos integrantes, criando materiais apropriados, planejando o curso e as aulas e utilizando as sugestões dos estudantes conseguimos uma melhor abordagem dos problemas e desafios encontrados.

Também ressalta-se a importância de vários outros trabalhos a respeito de aulas coletivas de instrumento, com eles foi possível analisar com muito mais profundidade todas as questões que foram levantadas neste trabalho.

Por fim, com base nos resultados apresentados nesta pesquisa, é possível concluir que, mesmo com uma turma com alunos de diferentes níveis instrumentais, o trabalho com todo o grupo ainda é possível e pode apresentar grandes resultados, tanto no aprendizado dos alunos quanto com a musicalidade que pode ser explorada. Cabe ao professor utilizar a sua criatividade e todos os mecanismos que ele tem a sua disposição para conseguir montar as aulas de forma que elas se tornem produtivas e atrativas para os alunos.

REFERÊNCIAS

SOUZA, Luan Sondré de. Ensino coletivo de instrumentos musicais: algumas considerações. In: VI ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTO MUSICAL. 2014. Salvador. *Anais...* Salvador: EMUS-UFBA, 2014, p. 1-9.

BRAZIL, Marcelo. As crenças de autoeficácia e a criação de arranjos para aulas coletivas de violão. In: V SIMPÓSIO SERGIPANO DE PESQUISA E ENSINO EM MÚSICA – SISPEM. 2013. Sergipe. *Anais...* Sergipe: NMU/UFS, 2013, p. 1-8.

BRAZIL, Marcelo. O material didático em aulas coletivas de violão como fonte de motivação e crença de autoeficiência. In: XIII SEMPEM SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA DA UFG. 2013. Goiás. *Anais...* Goiânia: UFG, 2013, p.140-142.

HUMMES, Julia Maria. Porque é importante o ensino de música? Considerações sobre as funções da música na sociedade e na escola. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v.12 n.11, p.17-25, 2004.

PENNA, Maura. Desafios para a educação musical: ultrapassar oposições e promover o diálogo. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v.14 n.14, p.35-43, 2006.

KEBACH, Patrícia Fernanda Carmen. A aprendizagem musical de adultos em ambientes coletivos. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v.17 n.22, p.77-86, 2009.

NAZARIO, Luciano da Costa; MANNIS, José Augusto. Entre explorações e invenções: vislumbrando um modelo referencial para o desenvolvimento criativo em ambientes de ensino coletivo. *Revista da ABEM*, Londrina, v.22 n.32, p.65-76, 2014.

TOURINHO, Cristina. Espaços e ações profissionais para possíveis educações musicais. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v.14 n.15, p.7-10, 2006.

SILVA SÁ, Fábio Amaral da; LEÃO, Eliane. A memória e suas contribuições para pensar o processo de aprendizagem em aulas coletivas de violão. XXII CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL. 2015. Natal. *Anais...* Natal: ABEM, 2015, p.1-12.

SILVA SÁ, Fábio Amaral da; LEÃO, Eliane. A escolha do repertório como fator que determina o nível de interesse do aluno no estudo do violão – um relato de experiência. ; IV JORNADA DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO MUSICAL E II SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO MUSICAL E HUMANIZAÇÃO. 2014. São Carlos. *Anais...* São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2014, p.1-11.

MONTANDON, Maria Isabel. Ensino Coletivo, Ensino em Grupo: mapeando questões da área. In: I ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTO MUSICAL. 2004. Goiás. *Anais...* Goiânia: UFG, 2004, p.44-48.

CRUVINEL, Flávia Maria. I ENECIM – Encontro Nacional de Ensino Coletivo de Instrumento Musical: o início de uma trajetória de sucesso. In: I ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTO MUSICAL. 2004. Goiás. *Anais...* Goiânia: UFG, 2004, p.30-36.

FREIRE, Ricardo Dourado; BALTHAZAR, Laura Udihara. A imitação no processo de aprendizagem musical: possibilidades para a iniciação musical. In: XXII ENCONTRO REGIONAL CENTRO-OESTE ABEM. 2012. *Anais...* Brasília: UNB, 2012, p.20-29.

TOURINHO, Cristina; BARRETO, Robson. *Oficina de Violão 1*. Salvador: Quarteto, 2003.

SOUZA, Henry Raphaely de. A pesquisa sobre ensino coletivo de instrumentos. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PÓS-GRADUANDOS EM MÚSICA. 2012. Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: UNIRIO, 2012, p.422-430

ORTINS, Fernanda; CRUVINEL, Flávia Maria; LEÃO, Eliane. O papel do professor no ensino coletivo de cordas: facilitador do processo ensino aprendizagem e das relações interpessoais. In: I ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTO MUSICAL. 2004. Goiás. *Anais...* Goiânia: UFG, 2004, p.60-67

CRUVINEL, Flávia Maria. Ensino Coletivo de Instrumentos Musicais: aspectos históricos. In: I ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTO MUSICAL. 2004. Goiás. *Anais...* Goiás: UFG, 2004, p.76-80

OLIVEIRA, Cristiano Lessa de. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. *Revista Travessias*, Paraná, v.2 n.3, p.1-16, 2008)

MANZINI, E.J. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS. 2004. Bauru. *Anais...* Bauru: USC, 2004, p.1-10.

ALBINO, César Augusto Coelho. *A importância do ensino da improvisação musical no desenvolvimento do intérprete*. Dissertação. 2009. (Mestrado em Música). Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes.